

O missal romano e a sua riqueza eucológica

Neste artigo * pretendemos fazer com os leitores uma breve viagem através do *Missal*¹ actualmente em uso na Liturgia eucarística da Igreja Católica pondo em evidência a extraordinária riqueza da sua expressão orante. Porque nem todos estarão habituados à *gíria* dos liturgistas, começarei por esclarecer a terminologia empregue para depois apresentar a riqueza eucológica do novo Missal em duas partes: a primeira, de carácter geral e formal, arrancando das características estruturais da oração litúrgica. Numa segunda parte procuraremos ver de forma mais concreta onde reside a riqueza deste património da «Igreja em oração».

Primeira parte: a Eucologia, forma e modelo

I. Da palavra «eucologia» à realidade

Nem todos os Dicionários da Língua Portuguesa são de ajuda aos que se esforçam por entender esta palavra que os liturgistas

* Na sua versão primeira este artigo foi uma comunicação apresentada no XVII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica realizado em Fátima de 22 a 26 de Julho de 1991. Neste trabalho não se dá a atenção devida à «eucologia maior» porque nesse Encontro outra comunicação versava sobre a Oração Eucarística.

¹ *Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum, auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum*, Ed. typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana 1975 [=MR 1975]. Em princípio faremos as referências a partir da recente edição oficial: *Missal Romano reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI, com os próprios de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé e Príncipe*, Coimbra, Conferência Episcopal Portuguesa — Gráfica de Coimbra 1992 [=MR].

utilizam com insistência. Basta referir que o *Dicionário* da Porto Editora, um dos mais divulgados, ignora o termo. Já o *Dicionário de Sinónimos* da mesma Editora refere sinónimos para «eucológico» (= breviário; diurno; missal) e «eucólogo» (= oração)². O MORAIS dá-nos a definição de «eucológico»: «livro que contém os ofícios dos domingos e das principais festas católicas do ano»³.

A «eucologia» está, portanto, relacionada com as orações. A etimologia não deixa dúvidas a esse respeito: «eucologia» deriva do grego ευχή (= oração) + λόγος (= palavra, discurso). À letra seria o discurso ou, se preferirmos, o tratado que estuda a oração e as leis que regem a sua formulação. Contudo, no uso corrente, o termo «eucologia» designa o conjunto das orações contidas num livro litúrgico⁴. Será essa também a acepção com que o utilizaremos: a «eucologia» do Missal vem a ser o somatório das orações contidas nesse livro litúrgico. Ainda nesta acepção falamos no «depósito eucológico» do Rito Romano (ou de qualquer outra família litúrgica) para referir todo o património de orações contido nos diferentes livros litúrgicos dessa tradição.

É costume dividir a eucologia em «menor» e «maior»⁵: a eucologia menor integra as orações mais simples, como as «Colec-tas», as «Orações sobre as oblatas», as «Orações depois da comunhão», as «Orações *Super Populum*», as Orações sálmicas⁶... Na eucologia maior incluem-se as orações normalmente mais longas

² TERTULIA EDITORA, *Dicionário de Sinónimos* (= Dicionários EDITORA), Porto 1977, 516.

³ A. DE MORAIS SILVA, *Novo Dicionário compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Confluência 1990, II 517. Também J. P. MACHADO, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa 1962, III 137 define «Eucológico» como «livro de orações quotidianas» e «eucólogo» como «oração»; A. BIVAR, *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*, Porto 1948, I 1412 define «eucológico» em referência a «eucológico» e «eucólogo» como «manual de orações cotidianas; missal, breviário».

⁴ Cf. A. M. TRIACCA, *La strutturazione eucologica dei prefazi*, in *EphemLit* 86 (1972) 233. Note-se que, entre os gregos, «eucológico» designa o livro que contém todos os textos, regras e disposições do ritual e do pontifical. No Ocidente o termo foi usado, nos tempos modernos, como título de devocionários, para além da acepção, referida nos dicionários, de «livro de orações com o ofício dos domingos e principais festas».

⁵ Cf. TRIACCA, *Ibid.*; M. AUGÉ, *Eucologia*, in *Nuovo Dizionario di Liturgia*, a cura di D. Sartore — A.-M. Triacca, Roma 1984, 509.

⁶ Doravante referir-nos-emos às orações mais citadas através das seguintes abreviaturas e siglas: BS = Bênção solene; Col. = Oração Colecta; OE = Oração Eucarística; PC = Oração depois da Comunhão; Pr. = Prefácio; SO = Oração sobre as oblatas.

e, sobretudo, com uma estrutura mais complexa: Prefácios, Orações eucarísticas, Bênçãos solenes⁷.

Na Liturgia do Verbo incarnado a palavra está, necessariamente, em primeiro lugar, como mediadora que é da autocomunicação de Deus que se revela salvando e salva revelando-se, e também, como veículo da resposta do homem que acolhe a palavra e a devolve em confissão de fé, adoração, louvor, acção de graças e súplica. Bem o sabemos, a Palavra de Deus é viva e activa, é acontecimento. Em Cristo toma corpo humano, torna-se visível e palpável. E a presença de Cristo na Liturgia é sempre presença da Palavra: Palavra audível, Palavra visível, Palavra activa, acto de revelação e revelação em acto, salvação e culto em plenitude. Longe de nós, portanto, a desvalorização do aspecto ritual. Contudo, qualitativa e, mesmo, quantitativamente, a palavra ocupa o 1º lugar. O próprio rito, aliás, compõe-se de acções e palavras e quando se olvida da Palavra degenera em ritualismo e morre⁸. Na Liturgia, portanto, é sempre fundante e fundamental a Palavra: de Deus à assembleia (= proclamação actual da Revelação e sua aplicação à vida) e da assembleia a Deus (= eucologia).

A eucologia é, por excelência, fruto da Palavra revelada à qual responde, da qual brota e na qual se inspira. É a expressão primeira da consciência da Igreja orante, síntese privilegiada da sua fé e da sua vida. Ela traduz o modo como a Igreja apreende o mistério da salvação e participa nele na celebração memorial da Páscoa em que se renova a Aliança. Não é um discurso didáctico e sistemático sobre o mistério de Deus, como compete à teologia dogmática: é antes um falar a Deus no mistério celebrado, não com a linguagem

⁷ Percorrendo o actual MR, pertencem à «eucologia maior», para além das OE (dez, uma das quais com 4 formas; acrescentem-se as comemorações variáveis a inserir nos momentos próprios da OE, que se encontram, sobretudo, na secção das *Missas rituais*) e 109 Pr. [84 no MR 1975], diversas orações de bênção próprias de celebrações particulares: bênção das Cinzas (MR, 167 s); Precónio pascal e bênção da água na Vigília Pascal (MR, 286-302.312-319) as Bênçãos solenes (MR, 553-567), a bênção das velas em 2 de Fevereiro (MR, 813) e as Bênçãos nupciais na Missa Ritual pelos esposos (MR, 1116-1120). Outros textos mais importantes da eucologia maior encontram-se nos Rituais ou Pontificais dos diferentes Sacramentos e Sacramentais. Neste trabalho vamos centrar-nos principalmente na eucologia menor.

⁸ Reciprocamente poderíamos dizer que a Palavra quando se divorcia da acção ritual e deixa de ser rito degrada-se em «conversa ociosa» e corre o risco de degenerar em ideologia. Mas então já deixou de ser Liturgia...

da explicação, mas com a da memória, do maravilhamento, da confissão, da declaração apaixonada, do louvor, da invocação, do agradecimento, da prece. É porque toda a oração autêntica é uma moção do Espírito, e, no Espírito, participação no diálogo intratritário do Pai com o Filho, a eucologia é em todas as épocas o testemunho de que a Igreja vive do Espírito⁹.

É esta a «lex orandi» sobre a qual se modula a «lex credendi». Porque o dogma é sempre segundo, em relação à doxologia. E, porque o objecto da nossa fé é Deus no Seu mistério — e não os enunciados dogmáticos —, é na Liturgia e mediante a eucologia que efectivamente a fé se professa e se realiza. Podemos, por isso, dizer que a eucologia é por excelência a «teologia» da Igreja.

Inspirada permanentemente na Escritura, a fonte indispensável onde a Igreja vai beber a sua compreensão do mistério de Cristo, a eucologia é obra da Igreja que a adopta e nela se revê, como se os autores que primeiro redigiram as suas fórmulas e formulários não contassem. E efectivamente, tal como as grandes obras da Literatura, a fórmula eucológica transcende o tempo da sua produção, universalizando-se e intemporalizando-se, de algum modo. Isto não quer dizer que não valha a pena conhecer os contextos originários em que determinadas fórmulas se produziram, bem como a identidade dos seus autores primeiros, com o seu ambiente cultural, o seu temperamento espiritual e a sua autoridade teológica. Sem dúvida que esse conhecimento, sem limitar o impacto e as ressonâncias sempre novas das fórmulas recebidas, nos permite uma melhor percepção das suas riquezas através da intencionalidade que primeiro as produziu. Cada época, porém, enriquece a oração antiga com a vivência irredutivelmente original que tem do mistério da salvação, nas suas coordenadas históricas e culturais. Isso é bem claro para quem conhece a história redaccional das diferentes peças eucológicas. De tal forma que no Missal e nos diversos repertórios eucológicos vivos das diferentes Igrejas nos deparamos de facto com a «suma» e com o «sumo» de toda a sua história de fé. A eucologia é, assim, testemunha privilegiada da Tradição.

⁹ Vale sempre a pena meditar o texto paulino de Rom 8, 26-27.

II. Estrutura fundamental da Eucologia

«Rezar segundo a Aliança», é o título sugestivo de um artigo publicado na revista *Phase*, num número dedicado ao exame pastoral do Missal Romano e da Sua eucologia¹⁰. Subjacente ao título em questão está a tese de Cesare Giraudo segundo a qual a matriz literária da oração eucarística cristã e, em geral, das orações sacramentais — aquilo a que chamámos «eucologia maior» — reside nos formulários veterotestamentários da renovação da Aliança (a «todah») ¹¹. Ora estes — e, na sua dependência, as bênçãos judaicas e a eucologia maior cristã — têm uma **estrutura bipartida**. A **primeira parte** ou secção é de conteúdo «anamnético»: contempla em forma narrativa as maravilhas operadas por Deus na história da salvação, reconhece a sua soberania e grandeza, enaltece e louva a sua misericórdia e fidelidade, ao mesmo tempo que confessa a miséria e o pecado do povo infiel. Característica literária desta parte é o modo indicativo dos verbos. A **segunda parte** ou secção, ligada à primeira, frequentemente, por uma partícula temporal ou causal, é de conteúdo «epiclético», marcado pela invocação e pela súplica: forte da memória viva, o orante invoca o Deus que fez maravilhas em favor dos Antepassados para que continue a agir do mesmo modo, com misericórdia e fidelidade, em favor dos que hoje o invocam, renovando com eles a aliança de amor e de paz. Nesta 2ª secção o modo verbal predominante é o imperativo e o conjuntivo.

Detectar esta estrutura na eucologia e referi-la ao contexto em que o género surgiu e se desenvolveu ajuda sobremaneira a perceber e explicitar os dinamismos da eucologia cristã. Na verdade, todo o culto cristão se caracteriza pelo diálogo que nele se estabelece entre Deus que santifica e os homens que são santificados e, assim vivi-

¹⁰ I. ONATIBIA, *Orar según la Alianza. Estructura y dinámica fundamentales de la oración litúrgica*, in *Phase* 30 (1990) 447-456. No mesmo fasc. (n. 180) apareceram outros artigos com interesse para o nosso tema: J. LOPEZ, *La eucología como respuesta a la Palabra de Dios. Una clave hermenéutica imprescindible*, 457-464; L. MALDONADO, *Unidad y diversidad del Misal. Nueva etapa en la reforma litúrgica*, 465-472; A. LARA, *La oración presidencial. La eucología dicha por el presidente*, 473-480; L. MALDONADO, *La resurrección de Cristo, expresada en la Liturgia de hoy*, 481-493.

¹¹ C. GIRAUDDO, *La struttura letteraria della Preghiera Eucaristica. Saggio sulla genesi letteraria di una forma: Toda veterotestamentaria, Beraka giudaica, anafora cristiana (= Analecta Biblica, 92) Roma 1981. Interessa particularmente a síntese conclusiva da I parte (pp. 160-177).*

ficados, glorificam o Santo com a vida e com o fruto dos lábios¹². A nova e eterna Aliança, celebrada por Cristo no Espírito, é o contexto, a ocasião e o tema deste diálogo. Tanto a Missão do Verbo como a do Espírito é para esta Aliança que tendem, Aliança que o próprio Cristo não só realiza mas também antecipa na Sua Pessoa.

O «rezar segundo a aliança» exprime-se, assim, na estrutura bipartida que caracteriza o género literário não só da eucologia maior, como também da eucologia menor. Em primeiro lugar, em toda a peça eucológica não pode faltar a memória das maravilhas de Deus na história da salvação. Há um núcleo que é substancialmente comum a qualquer texto eucológico, se bem que nuns casos seja expresso com amplitude, enquanto que noutros aparece de maneira concentrada, eventualmente reduzido ao mínimo do «*per Christum Dominum nostrum*»¹³. Esta prioridade da «memória» não é apenas uma questão de ordem no texto, a qual, aliás, é frequentemente invertida em muitas SP, PC e SO. Trata-se, principalmente, de um primado teológico: Deus e a graça sempre precedem o homem. No início está o Mistério, e a sua manifestação progressiva é que põe em marcha a história da salvação na qual se insere o hoje dos orantes. Este hoje está certamente pendente do Hoje de Deus, mas não está suspenso sobre o abismo do nada, porquanto o Hoje de Deus já fez história no hoje de tantas gerações do passado: tem os pés apoiados na realidade da acção prévia e preveniente de Deus, cujas maravilhas não podem deixar de ser evocadas e contempladas.

Neste contexto também a súplica e a invocação fazem sentido. E emerge também o seu núcleo constante: a renovação da Aliança no agora da Igreja em oração e na vida redimida e plenificada de cada um dos participantes.

Evidentemente, neste diálogo há lugar para explicitar a situação humana da assembleia, com as suas vicissitudes várias. No diálogo com Deus o homem entra com toda a sua vida, não podendo deixar de fora nem a história nem o mundo, sob pena de mutismo. Aliás o homem concreto — o único que existe e que fala na eucologia — é mundo e história em êxodo para Deus. Contudo, o que caracteriza

os melhores textos eucológicos do património eclesial é a sua permanente actualidade que passa por uma certa atemporalidade que os torna válidos para todas as épocas e para as mais diversas situações¹⁴.

III. Elementos estruturais da eucologia menor

Julgamos ser útil a apresentação, ainda que breve, dos elementos estruturais da *eucologia menor*. Trata-se de fornecer instrumentos de análise para que todos possam colher mais plenamente a riqueza deste património.

Como convém, a forma está ao serviço do conteúdo: a arquitectura das orações, definindo as suas paredes mestras e as suas divisões maiores, permite-lhes adaptarem-se melhor à função particular que desempenham no quadro da celebração. Apesar de, como vimos, haver um núcleo comum que se repete em toda a autêntica oração cristã, uma colecta, por exemplo, deve em princípio distinguir-se de uma oração sobre as oblatas por particulares conteúdos que a forma estrutural ajuda a evidenciar.

A. A invocação

Na eucologia menor não há grande espaço para a manifestação do louvor, da glorificação, da exaltação da grandeza e bondade divinas. Estes elementos de conteúdo doxológico concentram-se, em regra, na invocação¹⁵. Nem todas as orações lhe dão o mesmo relevo. A SP, por exemplo, não lhe costuma a dar o primeiro lugar, o que se compreende por se tratar de uma oração pronunciada sobre a assembleia em que se prefere realçar o conteúdo da bênção, normalmente expresso na petição¹⁶. Algo de semelhante se passa por vezes com a SO e a PC em que a oração abre com uma premissa circunstancial, referindo o momento e a acção ritual, ou com a petição. A regra é a de que quando a invocação não abre a oração,

¹⁴ Cf. AUGÉ, *Ibid.*

¹⁵ Exemplos: Deus de bondade infinita; Deus misericordioso; Deus, fonte de todo o bem; Deus todo poderoso e eterno; Senhor, Pai santo, Deus fiel...

¹⁶ No MR 1975, de 26 SP apenas duas começam com a invocação. A tradução portuguesa reproduz fielmente esta particularidade estrutural: MR, 569-574.

¹² Cf. a importância da dupla direcção, ascendente e descendente, do sacerdócio de Cristo e de toda a Liturgia.

¹³ Cf. AUGÉ, *Ibid.*, 512.

ela esteja intercalada na petição ou numa premissa circunstancial, frequentemente reduzida ao simples vocativo (*Domine; Deus...*)¹⁷.

É a colecta a oração que mais valoriza a invocação. É frequente a sua ampliação, quer com a acumulação de adjectivos em que se reconhece e confessa a grandeza, poder, glória, bondade e eternidade de Deus, quer com a inclusão de uma oração relativa que permite uma digressão de tipo narrativo ou comemorativo. Constitui-se assim uma breve secção anamnética em que se sublinham alguns aspectos ou momentos da intervenção de Deus na história da salvação. Na verdade, o Deus que invocamos deu-se a conhecer no Seu mistério, manifestou o Seu nome grande e glorioso. Ele preenche inteiramente o horizonte dos orantes no hoje de cada celebração e pode assim ser reconhecido e invocado. Deste modo a oração colecta cumpre plenamente a função que lhe compete como coroa dos ritos iniciais da celebração eucarística: ela introduz, de facto, no mistério celebrado, exprimindo, sob a forma de oração que narra, confessa e invoca, aquele aspecto particular ou momento determinado da história da salvação que, mediante a Palavra a proclamar e a acção ritual, se encontra com o hoje de uma concreta assembleia reunida para celebrar uma festa, para se tornar participante do mistério de Cristo no decurso do ano litúrgico¹⁸.

B. Petição

Não falta nos textos da eucologia menor o elemento da súplica. Como já vimos, a petição segue-se logicamente ao reconhecimento e nele se estriba. Literariamente, contudo, casos há em que o texto abre com ela, expressa com o verbo no *imperativo*: «Ouvi, Senhor»;

¹⁷ Exemplos: «Recebei com bondade, *Senhor*, as ofertas que Vos apresentamos em acção de graças...» (Oit. Pasc., 5ª Fª, SO: MR, 332); «Depois de recebermos estes dons sagrados, humildemente Vos pedimos, *Senhor*: ...» (III Pasc., 6ª Fª, PC: MR, 347); «Protegei, *Senhor*, o vosso povo ...» (XVI T.C., PC: MR, 410); «Nós vos damos graças, *Senhor*, pelo alimento celeste que recebemos ...» (XXXII T.C., PC: MR, 426).

¹⁸ Exemplos: «Senhor nosso Deus, que fizestes resplandecer esta santíssima noite com o nascimento de Cristo, verdadeira Luz do mundo...» (Natal, Meia-noite: MR, 139); «Senhor, nosso Deus, que de modo admirável criastes o homem e de modo ainda mais admirável o renovastes...» (Natal, Dia: MR, 141); «Senhor Deus omnipotente, que neste dia revelastes o Vosso Filho Unigénito aos gentios guiados por uma estrela...» (Epifania: MR, 151); «Deus de infinita bondade, que nos mandais ouvir o vosso amado Filho...» (II Quar.: MR, 182); «Vós quisestes, Deus omnipotente, que São Tiago fosse o primeiro dos Apóstolos a dar a vida pelo Evangelho...» (S. Tiago, 25/07: MR, 894).

«estai atento»; «atendei»; «estai presente»... Os imperativos «olhai» e «aceitai» são típicos das orações sobre as oblatas. Mas também abundam construções no *conjuntivo*, temperando com reverência a intensidade e urgência do pedido. É como quem bate à porta, qual acto primeiro do diálogo orante. Porque o Mestre nos mandou pedir com confiança, insistência e perseverança.

O conteúdo de algumas orações concentra-se na petição e, por isso, a colocação do respectivo verbo logo no início confere-lhes um particular vigor expressivo (SP, SO, PC...). A eucologia menor pode permitir-se estas liberdades, que redundam em riqueza e variedade, porque na eucologia maior está suficientemente salvaguardado o primado de Deus e da graça. Aí — e também na generalidade das colectas — o interlocutor divino aparece em primeiro lugar na boca, na mente e no afecto de quem ora, e só depois do louvor surge a súplica que mais não é do que a premissa de nova e conclusiva doxologia.

Por vezes aparecem fórmulas eucológicas com duas ou mais petições. Estas, geralmente, estão bem hierarquizadas e dispostas segundo uma dialéctica inspirada nas regras do discurso: há normalmente uma petição introdutória que tem como objectivo suscitar a atenção e a benevolência para a petição que se segue e, assim, se prepara. É esta a petição principal na qual se concentra o verdadeiro interesse de quem reza. Deste modo, enquanto que a petição introdutória é de carácter genérico, a petição principal costuma ter um conteúdo mais específico e definido.

No caso das SO e PC o conteúdo da petição principal costuma estar relacionado com o momento e a função ritual: pede-se a aceitação dos dons com tudo o que eles representam, antecipando-se na prece o pedido da sua santificação com todas as suas consequências nos participantes e no mundo; invocam-se os frutos do sacramento recebido na vida dos comungantes e o crescimento da sua eficácia santificadora até à plenitude escatológica. Já a petição feita nas Colectas é de conteúdo mais livre e variado, em função da maior liberdade e variedade das invocações e comemorações feitas. Deste modo, enquanto nas SO e PC se modelou principalmente uma teologia da participação na Eucaristia, nas

Colectas emerge a temática fundamental do Ano litúrgico e das diferentes celebrações festivas¹⁹.

C. Cláusula

A cláusula ou conclusão é um elemento estrutural fixo da eucologia menor. Apenas admite variantes para assegurar a correcção sintáctica e a ortodoxia doutrinal nos casos em que no corpo da oração se mencionem as Pessoas Divinas do Filho ou do Espírito Santo, ou nos casos — excepcionais — em que a oração não seja dirigida a Deus Pai²⁰.

O MR latino conhece duas cláusulas: a longa e a breve:

«... per Dominum nostrum Jesus Christum Filium tuum qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti, Deus, per omnia saecula saeculorum»;

«... per Christum Dominum nostrum»²¹.

Enquanto que a conclusão longa se usa sempre no final da Colecta que, assim, é posta em realce, a cláusula breve fecha todas as outras orações da eucologia menor da Missa.

Na língua portuguesa, após um período de experimentação, optou-se por nunca usar a cláusula breve: o «por Cristo nosso Senhor» provocava «*amens*» a despropósito, sobretudo na transição do protocolo inicial do prefácio para o embolismo do mesmo. Contudo, terá parecido aos responsáveis que a cláusula longa seria excessiva, sobretudo para se repetir ao menos 4 vezes durante a Missa. E abreviaram-na:

¹⁹ Vejamos como exemplo as petições de algumas Colectas, bem inseridas na dinâmica gerada pelas respectivas invocações: «Deus de infinita bondade, que nos mandais ouvir o Vosso amado Filho, fortalecei-nos com o alimento interior da Vossa Palavra de modo que, purificado o nosso olhar espiritual, possamos alegrar-nos um dia na visão da Vossa glória» (II Quar.: MR, 182); «Senhor nosso Deus, que nos enviastes o Salvador e nos fizestes Vossos filhos adoptivos, atendei com paternal bondade as nossas súplicas [= petição introdutória] e concedei que, pela nossa fé em Cristo, alcancemos a verdadeira liberdade e a herança eterna [= petição principal]» (V Pasc.); «Senhor, que nos encheis de santa alegria na solenidade dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, concedei à Vossa Igreja que se mantenha sempre fiel à doutrina daqueles que foram o fundamento da sua fé» (S. Pedro e S. Paulo, 29/06: MR, 880). «Vós quisestes, Deus omnipotente, que S. Tiago fosse o primeiro dos Apóstolos a dar a vida pelo Evangelho: concedei à vossa Igreja a graça de encontrar força no seu testemunho e auxílio na sua protecção» (S. Tiago, 25/07: MR, 894).

²⁰ Cf. *Instrução Geral do Missal Romano* [= IGMR], n. 32: MR, 28.

²¹ *Institutio Generalis Missalis Romani*, n. 32: MR 1875, 35. Também no latim se admitem variantes no caso da oração se dirigir ao Filho ou d'Ele se fazer menção no corpo da prece: *Ibid.*

«Por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo»²².

Deste modo, a cláusula longa ficou breve, sintacticamente equívoca e, sobretudo, muito desvalorizada pela inflação e usura. Daí que, finalmente, os países lusófonos se tenham posto de acordo para a alargar um pouco, abrindo-a ao menos à confissão explícita da fé de Niceia. Agora dizemos:

«Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo»²³.

É muito melhor. Mas teremos de aguardar por uma eventual 2ª edição «típica» do *Missal* em Português para recuperar toda a solenidade e riqueza da cláusula longa na Colecta, forma que não se repetiria na mesma celebração, sendo assim poupada à desvalorização de um uso inflacionado. Para as restantes orações introduzir-se-ia uma cláusula mais breve, no estilo da que, até ao presente, figurou como única.

É grande a importância da cláusula. E não apenas porque permite à assembleia saber quando a oração termina, ratificando-a com o *Amen* que exprime uma participação consciente e activa. Na verdade, nestas cláusulas artisticamente esculpidas e doutrinalmente maduras encerra-se todo um tratado «*De oratione*». Notemos apenas dois princípios caracterizantes:

a) a menção da mediação de Cristo, visto tanto na Sua relação com o Pai («*Filium Tuum*») como na Sua relação com a Igreja («*Dominum nostrum*»).

b) a explicitação do dinamismo trinitário de toda a oração genuinamente cristã:

— É a Deus Pai que se dirige a oração, segundo a regra antiga a que a eucologia romana, mais do que todas, se manteve fiel²⁴. Efectivamente, o Pai é o princípio sem princípio de

²² Assim se manteve em todas as edições parciais e provisórias do *Missal* e da *IGMR*.

²³ MR, 28.

²⁴ «Cum altari assistitur, semper ad Patrem dirigatur oratio» (CONCÍLIO DE HIPONA, 393: MANSI, III, 884). Na eucologia do MR são excepcionais, denotando composição tardia ou importação de outras tradições, as orações presidenciais endereçadas a Cristo. Já em relação aos hinos e aclamações de toda a assembleia é frequente e antigo o seu endereço cristológico.

toda a oração que se deixa modelar pelos dinamismos da história da salvação.

— É Jesus Cristo o único e eterno sacerdote, sempre vivo a interceder por nós. Aceitando de bom grado a explicitação de S.to Agostinho que nos recorda como Cristo ora em nós, por nós e é orado por nós, contudo na Liturgia eucarística é o exercício do sacerdócio de Cristo que está em primeiro plano e, por isso, a «oração oficial» é a oração de Cristo na Igreja e é a oração que a Igreja, por Cristo, eleva ao Pai.

— Mesmo na cláusula breve está implícita a presença do Espírito Santo, uma vez que ninguém pode dizer que Jesus Cristo é o Senhor a não ser pelo Espírito Santo. Por outro lado, a oração da Igreja só é possível quando pelo Espírito da Comunhão esta supera a multiplicidade e a dispersão e é «*una mystica persona*» ou, como diria S. Lucas, «um só coração e uma só alma». A Igreja é uma criatura do Espírito Santo.

Toda essa riqueza pneumatológica é explicitada na cláusula longa, ao mesmo tempo que, com a menção perfeita da Trindade, a oração da Igreja é transposta para o espaço que verdadeiramente é o seu: o mistério de Deus uno e trino, a «unidade do Espírito Santo». Trata-se, efectivamente, de participar no diálogo intra-trinitário.

Digamos, finalmente, que a cláusula, para além da sua importância instrumental em ordem à participação dos fiéis e para além da sua importância formal em ordem à caracterização da oração litúrgica, completa o dinamismo da oração segundo a revelação: tendo começado com a contemplação de Deus e do Seu santo Nome, tendo celebrado as maravilhas por Ele operadas na história, a oração passou a debruçar-se sobre o homem e o mundo, como objecto da solicitude divina que é invocada. Há que completar o movimento, elevando-se de novo às alturas da confissão e da *doxologia*. Tal é, também, a função da cláusula, sobretudo quando se trata da sua forma plena.

IV. Conclusão

Até aqui limitamo-nos à consideração de aspectos formais. Essa é, com efeito a 1ª riqueza da eucologia do MR: tanto do de agora como do anterior... Há uma forma que verdadeiramente forma: a forma da Igreja orar na Liturgia. Recebida da revelação, plenificada pelo Verbo, inspirada pelo Espírito Santo, servida pelo talento dos Padres, imbuída na fé das gerações, a eucologia encerra, já na sua forma, um precioso tesouro de doutrina, espiritualidade e, até mesmo, pedagogia.

Segunda Parte: Os conteúdos do MR

Devemos agora ensaiar a apresentação, ainda que de forma sucinta, da riqueza de conteúdos proporcionada pela eucologia do novo MR. É fácil verificar que se já o *Missal* de S. Pio V se assinalava pela extraordinária riqueza dos seus conteúdos eucológicos²⁵, mais notável á ainda o tesouro que com o novo *Missal* de Paulo VI a Igreja põe ao alcance dos fiéis²⁶. Começaremos por algumas observações de tipo quantitativo.

I. Riqueza quantitativa

O «livro do altar» que resultou da reforma litúrgica post-conciliar do *Missal Romano* apenas contém a eucologia e o *ordinário*. Por isso melhor lhe chamaríamos «sacramentário». E assim o fazem os países de língua inglesa²⁷. Isso significa que se fez um movimento inverso àquele que levou à génese do *missal plenário* por volta do século X. Quando então se reuniram num único volume todos os

²⁵ De entre muitos estudos (B. Capelle, L. Brou, ...), destacamos; P. BRUYLANTS, *Les oraisons du Missal Romain. Texte et Histoire* (= Études liturgiques, 1), 2 v., Louvain 1952.

²⁶ Nesta parte do nosso trabalho apoiamo-nos principalmente nos resultados da obra colectiva: *Il Messale Romano del Vaticano II. Orazionale e Lezionario*, 2 v. (= Quaderni di Rivista Liturgica. Nuova Serie, 6-7), Leumann (Torino), Elle Di Ci, 1981.1984.

²⁷ Por exemplo: *The Roman Missal revised by decree of the Second Vatican Council and published by authority of Pope Paul VI. The Sacramentary*, Approved for Use in the Dioceses of the United States of America by National Conference of catholic Bishops and Confirmed by the Apostolic See, English Translation Prepared by the International Commission on English in the Liturgy, New York, Catholic Book Publishing Co., 1985.

textos necessários para a celebração da Missa (leituras, orações, cânticos, ordinário...), foi necessário abreviar e suprimir bastantes, eliminando variedade e impondo frequentes repetições. E mesmo depois de tantos cortes, o livro litúrgico resultante era um «peso pesado», de manejo nada ágil. A reforma litúrgica do nosso tempo, porém, decidiu editar em volumes distintos o *leccionário* e o *oracional*. Evidentemente, não o fez por arqueologismo, mas por razões teológico-litúrgicas e eclesiológicas. Deste modo, porém, foi possível enriquecer ambos os livros resultantes deste desdobramento, sem comprometer a facilidade da sua utilização e manejo. Podemos, pois, fazer uma ideia do enriquecimento quantitativo do *MR* quando, ao olhar para este livro que apenas contém orações e rubricas, advertimos que o seu volume não é menor que o do *Missal* tridentino que incluía também o *leccionário*!

Mas vejamos, em concreto, como esse enriquecimento se deu nas diversas secções do *Missal*:

1. No **tempo de Advento**, foi notável o aumento numérico das orações:

| | MR 1570 | MR 1975 |
|-------|---------|---------|
| Col | 14 | 29 |
| SO | 8 | 12 |
| PC | 8 | 12 |
| Total | 30 | 53 |

2. No **tempo da Quaresma**, o número global das orações mantém-se sem variação sensível. Assistimos, porém, a uma grande renovação dos repertórios. Do anterior *MR* transitaram para o *MR 1975* apenas 23 das 43 Col, 26 das 45 SO e 26 das 43 PC. As restantes provêm de outras fontes.

3. O *MR 1570* apenas tinha 51 textos para o **tempo Pascal**. O novo tem 54 Col (11 das quais transitam do anterior), 25 SO (9 do anterior) e 22 PC (4 do anterior).

4. No **tempo Comum** cada uma das 34 semanas conta com o seu formulário, o que já acontecia (embora com nomenclatura diversa) no *MR 1570*. Uma boa parte das orações do *MR 1975*

transitou do *Missal* anterior, se bem que submetidas a retoques significativos. No conjunto, 10 Col, 18 SO e 12 PC provêm de outras fontes.

5. Está para além dos limites deste trabalho a análise das intervenções da reforma litúrgica na eucologia das **festas do Senhor**, das celebrações de **Nossa Senhora** e do **Santoral**. Quase sempre se operou uma renovação qualitativa e quantitativa, embora sem rupturas com os valores do passado. Vejamos apenas como essa renovação incidiu na secção **comum** do santoral. Imediatamente se adverte que esta parte do *Missal* foi completamente reestruturada. O *MR 1570* articulava o **Comum** em 12 secções, com uns 30 formulários; agora as secções são apenas 7, mas com um total de 50 formulários; dentro de cada formulário abundam textos de suplência, aumentando as possibilidades de variação. O anterior *Missal* tinha mais formulários completos no **próprio** dos Santos mas, regra geral, os textos eram genéricos e repetitivos. O novo *Missal* preferiu rever criteriosamente as Oração Colecta que figuram no **próprio**, esboçando aí um retrato do Santo ou sublinhando algum aspecto característico do seu testemunho, espiritualidade e exemplo, remetendo depois para os **Comuns**, onde a abundância e variedade de textos permite uma escolha mais adaptada.

6. O *MR 1570* não contemplava em secção própria as *Missas Rituais*²⁸. O Concílio Vaticano II, porém, aprofundou a doutrina tradicional relativa à centralidade da Eucaristia no organismo sacramental e, em concreto, emanou normas no sentido da celebração de diversos Sacramentos ser posta em relação com a celebração da Eucaristia e, inclusive, inserida na própria Missa²⁹. Não admira, pois, que o novo *Missal* tenha sido enriquecido com a nova secção das *Missas Rituais* na qual se recolhe um amplo património eucológico quer antigo, quer contemporâneo, valendo-se, nomeadamente, do trabalho de revisão feito a propósito das novas edições do *Pontifical*

²⁸ Entretanto, na parte dedicada às «Missas votivas» estavam incluídos diversos formulários destinados à Missa que enquadrava a celebração de alguns sacramentos e sacramentais.

²⁹ SC dá normas concretas em relação ao Baptismo de adultos (n. 66), à Confirmação (n. 71) e ao Matrimónio (n. 77). Em sede de reforma litúrgica estas instâncias foram atendidas e alargadas.

e do *Ritual*. O *MR 1975* incluía nesta secção 24 formulários de Missa distribuídos por 8 títulos: para a celebração dos Sacramentos da Iniciação cristã³⁰; para as Ordenações³¹; para o Viático; pelos Esposos; na Bênção abacial; na Consagração das Virgens; na Profissão religiosa; na Dedicção³².

7. A secção das «Missas e orações para diversas necessidades» foi profundamente revista³³. É um dos capítulos mais originais do novo *Missal*, com textos inspirados sobretudo nos documentos do II Concílio do Vaticano. São 4 grupos com 57 os formulários³⁴, cada qual com o seu título, a usar em ocasiões ou circunstâncias diversas e por várias necessidades: 25 formulários «pela Santa Igreja»³⁵; 8 formulários «pela sociedade civil»³⁶; 17 formulários «em diversas

³⁰ Eleição; Escrutínios; Baptismo; Confirmação.

³¹ No *MR 1975* este formulário estava incompleto; o novo *MR* já inclui as novidades da *editio typica altera* do *De Ordinatione* (Città del Vaticano 1990) e, por isso, inclui aqui 4 formulários completos: na ordenação do Bispo; na Ordenação dos presbíteros; na Ordenação dos diáconos; na ordenação dos diáconos e dos presbíteros (cf. *MR*, 1082-1098).

³² O *MR 1975*, como se vê, não cobria todo o arco dos Sacramentos e principais sacramentais. O *MR* português, publicado em 1992, alarga ainda mais o repertório eucológico das Missas Rituais: Inclui um título «Para a Primeira Comunhão» (*MR* 1082: só com textos da «eucologia maior» a inserir no Cânone Romano ou nas outras Orações Eucarísticas); como acima se viu, desdobra em 4 o formulário da Missa de Ordenações; e inclui a Missa «para a Unção dos enfermos» (*MR*, 1099-1102). A edição oficial portuguesa tende a agrupar num único formulário, com múltiplas orações «ad libitum», textos que no *MR 1975* aparecem divididos em vários formulários. É o caso, v.g., da Missa ritual da Confirmação ou das Missas dos Esposos para a celebração do Matrimónio. Embora essa concentração num único formulário permita um maior número de combinações, não nos parece que na prática favoreça a utilização pastoral adaptada e variada do repertório eucológico disponível.

³³ *MR* 1150-1250. Em relação ao *MR 1975* a edição portuguesa tem algumas particularidades: abre esta secção com a «Oração Eucarística V», com as suas quatro variantes (V/A; V/B; V/C; V/D); inclui a mais um formulário «Pelos emigrantes» (*MR*, 1232); agrupa, por vezes, sob o mesmo título orações que na edição latina estavam distribuídas por mais do que um.

³⁴ O *MR 1975* apenas numera 46 títulos. Deve, porém, advertir-se que sob o mesmo título aparecem, por vezes, 2 ou mais formulários. Alguns formulários incluem mais do que uma oração para cada momento; outros estão incompletos.

³⁵ «Pela Igreja», 4; «pela Igreja local», 1; «Pelo Papa», 1; «Pelo Bispo», 1; «Para a eleição do Papa ou do Bispo», 1; «Para um concílio ou um sínodo», 1; «Pelos sacerdotes», 1; «Pelo próprio sacerdote», 3; «Pelos ministros da Igreja», 1; «Pelos vocações às ordens sacras», 1; «Pelos religiosos», 1; «Pelos vocações à vida religiosa», 1; «Pelos leigos», 1; «Pela unidade dos cristãos», 3; «Pela evangelização dos povos», 2; «pelos cristãos perseguidos», 1; «Numa reunião espiritual ou pastoral», 1; Total: 25.

³⁶ Destes, os 4 primeiros apenas têm a oração colecta, estando completos os restantes 4 («Pelo progresso dos povos»; «Pela paz e pela justiça»; «Pela reconciliação»; «Em tempo de guerra ou de revolução»).

circunstâncias da vida social»³⁷; 7 formulários «para algumas necessidades particulares»³⁸.

8. Na secção dedicada às «Missas Votivas», o novo *Missal* não apresenta novidades de monta. Mantiveram-se quase todos os títulos relativos a Missas em honra do Senhor, da Senhora e dos Santos: são 16 títulos, alguns sem formulário, apenas com uma rubrica remetendo para outro lugar do Missal; outros desdobram-se em 2 ou mais formulários.

9. Finalmente, importa referir a última secção do Missal, de grande interesse pastoral, dedicada às Missas de defuntos. O anterior *Missal* apresentava apenas 3 formulários completos, a que se seguiam 17 grupos de orações diversas. Agora o número total das orações ascende a 114, distribuídas por 5 capítulos: 4 formulários (em vez de 1) para a Missa exequial; 5 formulários para a missa de aniversário; 5 formulários para diversas comemorações; «Orações diversas pelos defuntos», agrupando 16 formulários completos e ainda várias outras orações adaptadas a circunstâncias particulares; 3 formulários para as «Exéquias de uma criança»³⁹.

Por sumário que seja, o quadro que acabamos de esboçar é suficiente para se poder ter uma ideia minimamente fundamentada da abundância eucológica do novo *MR* e de quão extenso foi o trabalho de revisão e renovação operado pela reforma litúrgica.

II. Riqueza qualitativa

Nesta parte do nosso trabalho gostaríamos, de completar o quadro apresentado no ponto anterior com uma consideração mais

³⁷ «No princípio do ano civil»; «Pela santificação do trabalho humano» (2 formulários); «No tempo das sementeiras» (2 formulários); «Depois das colheitas»; «Em tempo de fome ou pelos que passam fome» (2 formulários); «Pelos refugiados ou exilados»; «Pelos emigrantes» (este formulário, incluído no *MR*, não consta do *MR 1975*); «Pelos prisioneiros»; «Pelos encarcerados» (apenas Col); «Pelos enfermos»; «Pelos moribundos»; «Em tempo de terramoto» (apenas Col); «Para pedir a chuva» (apenas Col); «Para pedir bom tempo» (apenas Col); «Para afastar as tempestades» (apenas Col); «Em qualquer necessidade» (2 formulários); «Para dar graças a Deus» (2 formulários).

³⁸ «Pelo perdão dos pecados»; «Para pedir a virtude da caridade»; «Para promover a concórdia»; «Pela família»; «Pelos parentes e amigos»; «Pelos inimigos» (o *MR 1975* prefere titular «Pro affligentibus nos»); «Para pedir a graça duma boa morte».

³⁹ Os dois primeiros, agrupados no *MR* num único com orações de substituição para cada momento, são para as exéquias de uma criança baptizada; o 3º (o 2º no *MR*), usa-se «nas exéquias de uma criança ainda não baptizada».

de tipo qualitativo desta eucologia renovada. Também aqui, porém, a nossa abordagem será de carácter geral, numa perspectiva de síntese, apoiando-nos, para o efeito, em análises já feitas por outros.

A. Romanidade e catolicidade

O *Missal* de Paulo VI intitula-se «romano» e, certamente, com razão⁴⁰. Para além da questão jurídica da delimitação dos diversos Ritos ou famílias litúrgicas, na «romanidade» do Missal renovado está implicada a identidade cultural, o temperamento espiritual, o fôlego doutrinal e o génio literário que caracterizaram a Liturgia da **cidade de Roma** ao tempo da sua plena maturidade entre os pontificados de Leão Magno e Gregório Magno, e que depois irradiou da «Urbe» para o «Orbe» católico de rito latino. Já era assim, substancialmente, com o *Missal 1570*, apesar da situação das ciências litúrgicas — então a dar os primeiros passos no conhecimento das fontes mais antigas — não permitir uma reforma que remontasse muito além do estrato medieval. A este respeito, podemos dizer que o *Missal de Paulo VI* é mais «tradicional» — e, portanto, mais «romano» — do que o seu antecessor, uma vez que se pôde valer dos avanços imensos entretanto verificados no conhecimento, edição e estudo das fontes eucológicas do passado.

A «romanidade» do actual *Missal* vem ao de cima em qualquer dos estudos que se dedicaram ao elenco das respectivas fontes: vejam-se as listagens publicadas por D. Antoine Dumas⁴¹ ou os estudos mais abrangentes publicados por Cuthbert Johnson e Anthony Ward⁴²: as fontes mais repetidas são, invariavelmente, o anterior *Missal* e os Sacramentários Romanos *Veronense* (incluindo o *Rotulus* de Ravena), *Gelasiano* antigo e *Gregoriano*.

Daqui resultam, inevitavelmente, importantes características formais e estilísticas da eucologia do nosso *Missal*: a sobriedade e

⁴⁰ Cf. a indicação bibliográfica dada na n. 1. Esta observação também se aplica à edição declarada «típica» para Portugal.

⁴¹ A. DUMAS, *Les sources du nouveau Missel Romain*, in *Notitiae* 7 (1971) 37-42.74-77. 94-95.134-136.276-280.409-410.

⁴² CUTHBERT JOHNSON — ANTHONY WARD, *The Sources of the Roman Missal*, I: *Advent-Christmas*, Rome 1986 [= *Notitiae* 22 (1986) nn. 7-8-9, 441-747]; ID., *The Sources of the Roman Missal*, II: *Prefaces*, Rome 1987 [= *Notitiae* 24 (1987) nn. 7-8-9, 409-1009]. Para as abreviaturas, siglas e edições dos livros litúrgicos, seguimos as propostas nestes estudos.

rigor da expressão, aliada a um andamento solene e harmonioso; uma certa propensão para o abstracto, o objectivo e o universal, sem muito espaço para o sentimento ou para o particular; tudo isto amalgamado por uma síntese amadurecida quer da cristologia de Calcedónia (S. Leão Magno), quer da teologia da graça (S. Agostinho), quer de uma visão teológica da Liturgia e dos sacramentos em geral, amadurecida e formulada, sobretudo, na pregação homilética dos grandes Padres dos séculos IV e V.

Falar em *romanidade*, porém, é falar em universalidade. A abertura ecuménica de Roma aos valores das outras Igrejas e tradições de Oriente e Ocidente é um facto de ontem e de hoje, não obstante periódicas vagas de centralismo. O actual *Missal* destina-se a animar a vida litúrgica de Igrejas que estão em plena comunhão com a cátedra de Pedro. Para tal terá de ser traduzido e adaptado a diferentes sensibilidades e culturas, mantendo, contudo, a «unidade substancial do Rito Romano»⁴³. Esse trabalho está a ser feito, com sucesso vário, por todo o mundo católico. E as adaptações não dizem respeito apenas aos ritos: começam pela própria linguagem verbal, com incidência directa na eucologia. Não é, pois, ousado dizer que o actual *Missal Romano* é o núcleo de formação e o critério de verificação de novas ou renovadas tradições litúrgicas. Porém, já em si mesmo o novo *Missal* dá testemunho de abertura universal e pluralismo: também ele deu guarida a textos provenientes de fontes não romanas.

À **liturgia ambrosiana** coube, porventura, a parte mais significativa deste caldeamento de tradições. São numerosos os textos provenientes dos livros litúrgicos ambrosianos, sobretudo do Sacramentário *Bergomense*. E, dado o alto grau de «romanização» do rito lombardo e tendo em conta a sua maior proximidade em relação ao mundo cultural romano, são ainda mais numerosos os casos de um uso paralelo dos mesmos textos em ambas as Liturgias. Vejamos alguns exemplos:

A Col. proposta para a XVI Semana do Tempo Comum é tirada de Berg 719:

⁴³ A afirmação é de SC 38. Entretanto, o artº. 40 abre perspectivas para uma «profundior Liturgiae aptatio»...

«Sede propício, Senhor, aos vossos servos, e multiplicai neles os dons da vossa graça, para que, fervorosos na fé, esperança e caridade, perseverem na fiel observância dos vossos mandamentos»⁴⁴.

Trata-se de uma bela oração, de conteúdo suficientemente aberto para se poder usar no Tempo Comum, na qual se sublinham importantes características da vida do cristão que se propõe, apoiado na graça de Deus, a permanecer firme e fiel aos mandamentos no exercício de uma vida teológica plena.

Ainda dentro do Tempo Comum, poderíamos referir as Col. do XIII Domingo⁴⁵ e do XIX Domingo⁴⁶, ambas preciosas pela teologia pascal do Domingo e da vida cristã. Vejamos a 2ª destas:

«Deus eterno e onnipotente, a quem podemos chamar nosso Pai, fazei crescer o espírito filial em nossos corações para merecermos entrar um dia na posse da herança prometida»⁴⁷.

Encontram aqui eco diversos textos bíblicos, sobretudo paulinos: Gl 4, 6 e Rm 8, 15 na *invocação* e Rm 9, 4 na *petição*. É o dom da filiação divina a realidade que recapitula e encerra o significado salvífico da Páscoa e, portanto, do dinamismo pascal da vivência cristã do Domingo.

A pérola ambrosiana mais preciosa da eucologia menor do MR é, porventura, a SO do IV Domingo do Advento:

«Aceitai, Senhor, os dons que trazemos ao vosso altar e santificai-os com o mesmo Espírito que, pelo poder da sua graça, fecundou o seio da Virgem Maria»⁴⁸.

Ecoam aqui as narrações evangélicas⁴⁹ e, particularmente, o tópico patrístico que estabelece um paralelismo entre a acção do

⁴⁴ MR, 410.

⁴⁵ Berg 725.

⁴⁶ Berg 634.

⁴⁷ MR, 413. A tradução não consegue transmitir toda a riqueza do original: «Omnipotens sempiternus Deus, quem paterno nomine invocare praesumimus, perfice in cordibus nostris spiritum adoptionis filiorum, ut promissam hereditatem ingredi mereamur»: MR 1975, 358.

⁴⁸ MR, 123. Mais uma vez se justifica o confronto com o texto latino: «Altari tuo, Domine, superposita munera Spiritus ille sanctificet, qui beatae Mariae viscera sua virtute replevit»: MR 1975, 132. A tradução portuguesa *provisória* era mais fiel: «Senhor: estes dons colocados sobre o Vosso altar sejam santificados pelo mesmo Espírito que fecundou com a sua virtude o seio da Bem-aventurada Virgem Maria»: COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA, *Missal Romano*, Coimbra 1987, 30.

⁴⁹ Sobretudo Mt 1, 18.21 e Lc 1, 35.

Espírito Santo na Encarnação e na Eucaristia⁵⁰, tópico esse que será desenvolvido pela teologia da epiclesse que caracteriza a espiritualidade eucarística do Oriente mas que, como vemos, não está ausente do Ocidente latino.

Mas também às **liturgias hispânica e galicana** antiga o novo *Missal* ficou a dever algo. A Col. do II Domingo da Quaresma, acima citada⁵¹, provém do LMS 385. Também a Col. do V Domingo da Quaresma se inspira em LMS 706:

«Senhor nosso Deus, concedei-nos a graça de viver com alegria o mesmo espírito de caridade que levou o vosso Filho a entregar-se à morte pela salvação dos homens»⁵².

Como exemplo da fusão entre a tradição romana e a hispânica, podemos apontar a PC da Missa do dia de Pentecostes:

«Senhor nosso Deus, que concedeis com abundância à vossa Igreja os dons sagrados, conservai nela a graça que lhe destes, para que floresça sempre em nós o dom do Espírito Santo, e o alimento espiritual que recebemos nos faça progredir no caminho da salvação»⁵³.

Subjacente a esta belíssima oração está uma vivência da celebração Eucarística e da participação nela como perene pentecostes.

Quanto ao contributo das fontes galicanas, podemos citar a oração PC da Missa Vespertina da Ceia do Senhor⁵⁴ e a Col. verdadeiramente preciosa do II Domingo de Páscoa:

⁵⁰ Johnson e Ward referem textos de Cirilo de Alexandria, Leão Magno e Optato de Mileve: *Ibid.* I, 492 [52].

⁵¹ Nn. 18 e 19.

⁵² MR, 207. O original é mais belo: «Quaesumus, Domine Deus noster, ut in illa caritate, qua Filius tuus diligens mundum morti se tradidit, inveniamur ipsi, te opitulante, alacriter ambulantes»: pedimos para ser encontrados a caminhar alegre e animosamente na mesma caridade com que Cristo se entregou à morte *amando o mundo* (e não apenas para o salvar...).

⁵³ MR, 391. Cf. MR 1975, 314: «Deus, qui Ecclesiae tuae caelestia dona largiris, custodi gratiam quam dedisti. ut Spiritus Sancti vigeat semper munus infusum, et ad aeternae redemptionis augmentum spiritalis esca proficiat». Trata-se da fusão de uma oração hispânica (LMS 793) com uma romana (Ver 491).

⁵⁴ «Deus eterno e onnipotente, que hoje nos alimentastes na Ceia do vosso Filho, saciai-nos um dia na ceia do reino eterno»: MR, 250.

«Deus de eterna misericórdia, que reanimais a fé do vosso povo na celebração anual das festas pascais, aumentai em nós os dons da vossa graça, para compreendermos melhor as riquezas inesgotáveis do Baptismo com que fomos purificados, do Espírito com que fomos renovados e do Sangue com que fomos redimidos»⁵⁵.

Esta oração, digna de antologia, abre do melhor modo a celebração do Domingo da Oitava da Páscoa, tão denso de ressonâncias baptismas e mistagógicas. Nela a Igreja manifesta a consciência de que a riqueza do mistério celebrado na Páscoa só pode ser alcançada pela inteligência iluminada pela graça. E é na revelação, nomeadamente em 1 Jo 5, 6-7⁵⁶ que se encontra a expressão mais feliz do mistério celebrado.

Mas não ficaram por aqui os contributos da área galicana. Como é sabido, os liturgistas franceses tinham um peso respeitável na constituição do *Consilium* que preparou a reforma litúrgica. Ora a França **neogalicana** do sec. XVIII conheceu um interessante movimento de renovação eucológica que se afirmou em edições litúrgicas particulares. Sobre todos merece especial menção o *Missale Parisiense* de 1738, conhecido por *Missal de Vintimille*⁵⁷. O novo *MR* acabou, assim, por ser enriquecido com diversos textos deste *missal* neogalicano, «vingando» de algum modo toda a corrente neogalicana liquidada de forma militante por D. Prósper Guéranger o homem que está nas nascentes do movimento litúrgico contemporâneo que, paradoxalmente, desembocou no actual *Missal*. Como documento desta dívida, apontemos apenas 5 PC do Tempo Comum⁵⁸ e alguns textos do Santoral e do *Comum da Dedicção*⁵⁹. Vejamos aqui dois exemplos:

⁵⁵ *MR*, 335. O original galicano vem no *Gothicum* 309. Cf. *MR* 1975, 299: «Deus misericordiae sempiternae, qui in ipso paschalis festi recursu fidem sacratae tibi plebis accendis, auge gratiam quam dedisti, ut digna omnes intelligentia comprehendant, quo lavacro abluti, quo spiritu regenerati, quo sanguine sunt redempti». A tradução portuguesa anterior tinha em relação à actual a vantagem de traduzir à letra — e bem — a acção atribuída ao Espírito: «...do Espírito com que fomos regenerados»: COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA, *Missal Romano*, Coimbra 1987, 183.

⁵⁶ Passagem lida neste mesmo Domingo no Ano B.

⁵⁷ Deste *Missal* acaba de surgir uma nova edição, para uso dos estudiosos: *Missale Parisiense anno 1738 publici iuris factum*, cur. Cuthbert Johnson & Anthony Ward (= Bibl. «EphemLit» — Subsidia. Instrumenta Liturgica Quarrensiensia. Supplementa 1), Roma, C.L.V. — Edizioni Liturgiche 1993 [= *MP*].

⁵⁸ Nos Domingos IX, XX, XXIII, XXVI e XXXII.

⁵⁹ Sobre estas questões, cf. P. JOUNEL, *Les sources françaises du Missal de Paul VI*, in *Questions Liturgiques* [= *QL*] 52 (1971) 305-315.

«Guiai, Senhor, com o vosso Espírito aqueles que alimentais com o Corpo e o Sangue do Vosso Filho, de modo que, dando testemunho de Vós, não só com palavras mas em obras e verdade, mereçamos entrar no reino dos Céus»⁶⁰.

«Nós Vos damos graças, Senhor, pelo alimento celeste que recebemos e imploramos da vossa misericórdia que, pela acção do Espírito Santo, perseverem na vossa graça os que receberam a força do alto»⁶¹.

Note-se como em ambas as orações, redigidas em França no século XVIII, se consegue exprimir com eficácia a relação que vigora entre a Eucaristia, o dom do Espírito Santo, o testemunho coerente da vida cristã e a perseverança escatológica⁶².

Temos, por força, de passar em silêncio outros testemunhos da *catolicidade* do novo *MR*. Os **próprios de algumas Igrejas particulares e de algumas famílias religiosas** também deram, aqui e ali, o contributo da sua sensibilidade e doutrina, dando mais cor e variedade ao *Missal de Paulo VI* que, continuando embora a ser substancialmente «romano», soube integrar a «herança das nações». Citamos apenas, para terminar, o único caso documentado de uma fonte portuguesa que passou para o património universal: trata-se da Col da festa da Visitação que, com alguns retoques, provém do *Proprium Bracarense* para a festa de 2 de Julho:

«Deus eterno e omnipotente, que inspirastes à Virgem Santa Maria o desejo de visitar Santa Isabel, levando consigo o Vosso Filho Unigénito, tornai-nos dóceis à inspiração do Espírito Santo, para podermos, com ela, cantar sempre as vossas maravilhas»⁶³.

⁶⁰ *MR*, 403, PC. Cf. *MR* 1975, 348: «Rege nos Spiritu tuo, quaesumus, Domine, quos pascis Filii tui Corpore et Sanguine, ut te, non solum verbo neque lingua, sed opere et veritate confitentes, intrare mereamur in regnum caelorum» [= *MP*, 408 (dom. VII post Pent.)].

⁶¹ *MR*, 426, PC. Cf. *MR* 1975, 371: «Gratias tibi, Domine, referimus sacro munere vegetati, tuam clementiam implorantes, ut, per infusionem Spiritus tui, in quibus caelestis virtus introivit, sinceritatis gratia perseveret» [cf. *MP*, 434 (dom. XVI post Pent.)].

⁶² Estamos perante mais uma refutação concreta do propalado «cristomonismo» litúrgico do Ocidente. Na liturgia sempre floresceu e floresce o Espírito. Entretanto não pode deixar de se observar que algumas das fórmulas eucológicas mais ricas do ponto de vista pneumatológico não são de origem romana, o que dá suporte à hipótese de a eucologia romana ser menos pneumatológica ou, pelo menos, menos *explicitamente* pneumatológica.

⁶³ *MR*, 854. Cf. *MR* 1975, «Omnipotens sempiterna Deus, qui beatam Virginem Mariam, Filium tuum gestantem, ad visitandam Elisabeth inspirasti, praesta, quaesumus, ut, afflanti Spiritui obsequentes, cum ipsa te semper magnificare possimus».

B. Passado e presente

Chegados a este ponto, pôde alguém objectar ainda que o *MR* é um compêndio do passado mas não se abriu à riqueza da hora actual. Onde está o testemunho orante da Igreja do nosso tempo? Será que se estancaram as nascentes da prece e que estamos definitivamente condenados a repetir o que o passado nos legou?

Muito se poderia dizer em resposta a esta objecção que, substancialmente, é pertinente. E importa também lembrar que toda a oração — e a litúrgica de forma especial — é sempre «vida segundo o Espírito» e, portanto, é sempre novidade irrepitível, por conhecidas e frequentadas que sejam as fórmulas com que se exprime. Entretanto, somos forçados a reconhecer que o novo *Missal*, tal como o escriba do Evangelho, foi capaz de tirar do seu tesouro coisas novas e antigas. Queremos aqui, para terminar, falar das «coisas novas».

Importa referir, em primeiro lugar, que a eucologia do passado não foi recebida de modo passivo no novo *Missal*, mas antes foi submetida a um meticuloso trabalho de revisão. Nesta recepção crítica e criteriosa, a fidelidade ao presente teve tanto peso como o respeito pelo passado: na revisão dos textos, os argumentos de uma renovada sensibilidade teológica e pastoral pesaram tanto ou mais do que os da crítica textual⁶⁴.

Mas o novo *Missal* também inclui textos de nova composição. Nestes casos, nem sempre a criatividade é total. Frequentemente faz-se a conglomeração ou centonização de fragmentos da Escritura ou da Eucologia clássica: a aproximação surpreendente de textos até então independentes instaura uma novidade de efeito imprevisível. Este tipo de composição, tradicional entre os autores de textos para o canto, conhece algumas realizações que poderemos justamente considerar géniais. Entre os muitos exemplos, citemos a PC do Domingo de Ramos:

⁶⁴ A. DUMAS, *Les oraisons du nouveau Missal romain*, in *QL* 52 (1971) 265-270; texto original in *Rivista Liturgica* [= *RL*] 58 (1971) 92-102, sintetiza assim os princípios que presidiram à revisão: 1. Verdade; 2. Simplicidade; 3. Sentido pastoral. Quanto à realização, Dumas refere que, ao lado da escolha de textos preexistentes se fez um trabalho de adaptação e de criação. Sobre a mesma problemática, cf. S. MARSILI, *Le orazioni della Messa nel nuovo Messale. Teologia e pratica della preghiera liturgica*, in *RL* 58 (1971) 70-91; D. SARTORE, *verso una nuova eucologia?*, in *RL* 58 (1971) 103-110.

«Saciados com estes dons sagrados, nós Vos pedimos, Senhor: assim como, pela morte do Vosso Filho, nos fizestes esperar o que a nossa fé nos promete, fazei-nos também chegar, pela sua ressurreição, às alegrias do reino que esperamos»⁶⁵.

Outro método de criação consiste na transposição litúrgica de textos bíblicos, patrísticos e eclesiásticos⁶⁶. Assim, por exemplo, na série dos formulários «ad diversa» ecoa frequentemente a doutrina do II Concílio do Vaticano:

— A Col. da Missa «Pela Igreja» A une extractos de AG 2 com GS 45:

«Deus, que na vossa admirável providência quisestes que todos os homens participassem nos benefícios da redenção e o reino de Cristo se estendesse a toda a terra, fazei que a vossa Igreja, sacramento universal de salvação, manifeste e realize o mistério do vosso amor pelo género humano»⁶⁷.

— A Col. da Missa «Pela Igreja» B associa LG 9 com GS 40:

«Senhor nosso Deus, que na nova aliança inaugurada em Cristo, continuamente formais para Vós um povo de todas as nações e o confirmais na unidade pelo vosso Espírito Santo, fazei que a Igreja, fiel à missão que lhe confiastes, se integre cada vez mais na comunidade humana como fermento e alma da sociedade, para a renovar em Cristo e a transformar em família divina»⁶⁸.

E os exemplos poderiam multiplicar-se⁶⁹. Mas o novo *Missal* tem textos de redacção inteiramente nova e, alguns, com uma qualidade que em nada desdiz do melhor que o passado nos legou.

⁶⁵ *MR*, 229. Cf. *MR* 1975, 235: «Sacro munere satiati, supplices te, Domine, deprecamur, ut, qui fecisti nos morte Filii tui sperare quod credimus, facias nos, eodem resurgente, pervenire quo tendimus». A centonização funde duas orações do anterior *Missal*: M 1022 + M 243 [*M* = *Missale Romanum*, 1952].

⁶⁶ Cf. HENRY ASHWORTH, *Les sources patristiques du nouveau missal romain*, in *QL* 52 (1971) 295-304. Para a reconstituição de todas estas fontes revelam-se preciosos os estudos acima mencionados de Cuthbert Johnson e Anthony Ward.

⁶⁷ *MR*, 1181. Cf. *MR* 1975, 785.

⁶⁸ *MR*, 1182. Cf. *MR* 1975, 786.

⁶⁹ Apontamos apenas mais um: apesar da sua venerável antiguidade, diversas preces das *Orações Solenes* de Sexta Feira Santa foram reformuladas, de modo a traduzir com fidelidade a nova sensibilidade ecuménica do Vaticano II. É o caso da 5ª (pela unidade dos cristãos), da 6ª (pelos judeus), da 7ª (pelos que não creem em Cristo) e da 8ª (pelos que não creem em Deus: esta intenção nem sequer figurava no anterior *Missal*): *MR*, 258-261; 266-268; cf. *MR* 1975, 254-255.

A título de exemplo vejam-se os formulários da Missa para a festa do Baptismo do Senhor⁷⁰ e os das novas Missas «pela unidade dos cristãos»⁷¹.

III. Conclusão: limites e oportunidades

O *Missal de Paulo VI* terá, certamente, uma vigência mais breve do que o seu antecessor que sobreviveu imutável durante quatro longos séculos, apenas admitindo pequenas alterações⁷². A vida não pára e o surgir de novas línguas litúrgicas acabará, por força, por se exprimir em novas fórmulas e formas eucológicas as quais, ainda que nascendo a partir das antigas, serão forçosamente diversas, porque o génio da língua é sempre intraduzível.

Em Portugal estamos ainda na fase da tradução, trabalho árduo mas necessário, cujas dificuldades são agravadas pela falta de uma edição «autêntica» da Bíblia em Português, etapa indispensável na génese de uma «língua cristã». Nesta circunstância tem-nos valido a proximidade linguística com o latim, que nos tem permitido utilizar com um mínimo de inteligência traduções literais⁷³. Temos, contudo, de dar um passo mais, no sentido de uma verdadeira transposição linguística a qual supõe uma renovação ao nível do vocabulário e da estrutura sintáctica. Nisso muito teremos a aprender, por exemplo, com a Igreja francesa. Mas não basta uma tradução recriadora e culturalmente significativa. Também nós devemos dar passos no sentido de uma autêntica criatividade eucológica, devidamente enquadrada pelos organismos competentes, sob a direcção da Conferência Episcopal⁷⁴.

⁷⁰ *MR*, 153-154; cf. *MR 1975*, 168-169. Deste formulário, apenas a Col. 2 é retomada do anterior *Missal*.

⁷¹ *MR*, 1204-1208; cf. *MR 1975*, 808-813.

⁷² Se exceptuarmos o *calendário*, sempre mais aberto a novas celebrações.

⁷³ Será fácil demonstrar com o novo *MR* que em geral são mais débeis os textos em que os tradutores tomaram mais liberdade em relação à versão literal. E se o confronto se fizer com a tradução brasileira, muito mais livre em relação ao texto original do que a portuguesa, a conclusão é a mesma (para pior).

⁷⁴ Alguns países europeus, principalmente a Alemanha, a França e a Itália já começaram a dar passos consistentes nesse sentido. O novo *MR* traduz diversos textos — sobretudo prefácios — do *Missal Romano Italiano* (Città del Vaticano 1983). Para um estudo da novidade eucológica deste *Missal*, cf. ENRICO MAZZA, *Concordanze verbali delle collette e prefazi del Messale Romano Italiano* (= Bibliotheca «EphemLit» «Subsidia», 39), Roma, C.L.V. — Edizioni Liturgiche, Roma 1987.

O património de oração da nossa Igreja vai continuar a ser enriquecido pelas sucessivas gerações dos fiéis. Na sua forma oficial, ele goza do favor e da protecção da lei canónica. E isso põe-no a coberto da volubilidade das modas, teológicas ou outras. Contudo, é importante que ele se mantenha aberto ao progresso da consciência da fé do povo de Deus. Cito apenas, a título de exemplo, um campo em que essa abertura pode ser enriquecedora: a eucologia do Advento e Natal. Os textos eucológicos acolhidos pelo *MR* para este período são de indiscutível valor. Porém, datam quase todos dos secs. V-VI, movendo-se dentro das perspectivas dos Concílios ecuménicos de Éfeso e Calcedónia. O seu autor mais representativo é, precisamente, S. Leão Magno. Entretanto, e sem questionar a validade desta cristologia e o carácter normativo de algumas das suas formulações, não vemos razão para continuar a recusar o direito de expressão a outras instâncias teológicas. A abordagem do nosso tempo, que dá muito mais atenção à vida histórica de Jesus de Nazaré fazendo uma «cristologia a partir de baixo» não poderá considerar-se complementar e igualmente legítima da abordagem clássica, a única que actualmente tem cidadania na «lex orandi»?

Esse passo já começou a ser ensaiado⁷⁵. E pode frutificar no futuro em novas e imprevisíveis riquezas eucológicas em que a fé de sempre se poderá exprimir numa linguagem mais familiar ao homem de hoje.

JOÃO DA SILVA PEIXOTO

⁷⁵ Bons exemplos são os das Orações Eucarísticas IV e V.